

A partir da esquerda,
João Carvalho
e Darcy Ribeiro
durante conversa
com menina do povo
Kaapor, em 1951

LINGUÍSTICA

Vidas traduzidas

Trajetórias de intérpretes e tradutores saem dos bastidores para iluminar aspectos históricos e literários

ARTHUR MARCHETTO

Em 1947, ao ser contratado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) para duas expedições às aldeias Kaapor, na fronteira do Pará com o Maranhão, o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) percebeu que, apesar de conhecer um pouco da língua daquele povo, precisaria de um intérprete para compreender mais a fundo questões como genealogia e rituais. Foi o intérprete sertanista João Carvalho que o auxiliou nessa tarefa. “João é nosso intérprete e nessas horas de recepções sociais seu papel é tão importante quanto nas de trabalho, de modo que tem de falar muito para compensar meu silêncio”, escreveu Ribeiro em seus relatos da expedição compilados em *Diários índios. Os Urubus-Kaapor* (Companhia das Letras, 1996).

A parceria está registrada no livro *Fotografias de intérpretes: Em busca das vidas perdidas*, do tradutor britânico John Milton, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Lançada em 2022 no Brasil pela editora Lexikos, a obra saiu em inglês no final de 2024 pela Cambridge Scholars Publishing, do Reino Unido. Na publicação, o pesquisador reúne histórias de intérpretes de vários lugares do mundo, a exemplo do russo Viktor Sukhodrev (1932-2014), que trabalhou na diplomacia soviética durante a Guerra Fria (1947-1991). Segundo o livro, o presidente norte-americano Richard Nixon (1913-1994) confiava mais em Sukhodrev do que na própria equipe, já que o intérprete estava distante dos jogos de poder da Casa Branca.

Um dos capítulos é dedicado aos intérpretes indígenas do Brasil, como Megaron Txucarramãe, tradutor e intérprete do tio, Raoni Metuktire, cacique do povo Caiapó e uma das principais lideranças indígenas do país. Em suas interpretações, Megaron, que dirigiu o Parque Indígena do Xingu de 1985 a 1989, não faz traduções literais: inclui explicações e tece considerações. “Por ser também uma liderança indígena, sua presença não tem apenas valor semântico, mas simbólico”, considera Milton.

Os intérpretes trabalham com linguagem oral, de forma instantânea e simultânea, em eventos de toda natureza, das conferências científicas aos encontros políticos. “Já os tradutores, em geral, possuem um tempo maior para editar e refletir sobre determinado material escrito. Mas o papel de ambos é ser intermediário de diferentes culturas”, explica Milton. “Em termos literários, muito se fala dos escritores, mas pouco se olha para o trabalho dos tradutores. Acho importante tirar essas trajetórias dos bastidores, pois elas podem ajudar a iluminar aspectos históricos e do fazer literário, por exemplo.”

Iniciada em 2017, a coleção *Palavra do tradutor* tem esse objetivo. “Nossa ideia é divulgar o trabalho de tradutores que atuam no Brasil e de tradutores estrangeiros que traduzem literatura brasileira”, conta Dirce Waltrick do Amarante, do Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que está à frente da iniciativa ao lado de outros professores da mesma universidade. Desde então o projeto já publicou 11 livros com entrevistas e dados biográficos de tradutores de diversos gêneros discursivos, como ficção, poesia e teatro. Em 2018, saíram os dois primeiros volumes pela editora Medusa. Um deles é dedicado a Aurora Fornoni Bernardini, do Departamento de Letras Orientais da USP, conhecida pelas traduções do italiano e do russo para o português. O outro é dedicado a Donaldo Schüller, professor aposentado de língua e literatura grega da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Todos os títulos podem ser baixados de forma gratuita no site da UFSC.

Segundo a tradutora Luciana Carvalho Fonseca, professora do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP, os estudos contemporâneos de teoria da tradução foram, em grande parte, estabelecidos a partir da noção de equivalência. Um de seus expoentes na década de 1960 foi o linguista norte-americano Eugene A. Nida (1914-2011), que a aplicava na tradução da *Bíblia*. “Nessa concepção, a tarefa de tradução é vista como a transposição do texto de uma língua para outra, com uma grande reverência à obra original”, comenta a pesquisadora. Ao longo do tempo, prossegue Fonseca, surgiram outras propostas. É o

Sukhodrev entre o líder soviético Leonid Brejnev (à esq.) e o presidente norte-americano Richard Nixon, nos anos 1970



caso, por exemplo, do funcionalismo, que admite adaptações, a exemplo de cortes, inserções, notas de rodapé e textos introdutórios. Ou então do paradigma dos estudos descritivos da tradução, que concebem o texto traduzido a partir de aspectos como a contextualização sócio-histórica, a recepção, a circulação e a figura de tradutores e tradutoras.

Nos últimos anos, Fonseca vem se debruçando sobre o percurso de Maria Velluti (1827-1891), tradutora, atriz e diretora portuguesa que imigrou para o Brasil em 1847. A história começou após uma conversa informal de Fonseca com o pesquisador Dennys Silva-Reis, da Universidade Federal do Acre (Ufac), sobre o apagamento das mulheres na história da tradução brasileira. A partir dessa questão, a dupla levantou quase 60 nomes de tradutoras na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e escreveu o artigo “Nineteenth century women translators in Brazil: From the novel to historiographical narrative” (2018). Entre eles, estava o de Velluti. “Ela era muito citada pelos jornais. Traduziu mais de 40 peças e apresentou o teatro realista francês às companhias brasileiras da época. Isso me chamou a atenção e quis saber mais a respeito de sua trajetória”, conta Fonseca. Em suas buscas, a pesquisadora encontrou críticas na imprensa da época, algumas delas escritas por Machado de Assis (1839-1908), com elogios ao trabalho de Velluti.

“Um dos grandes desafios para quem pesquisa esse campo é localizar arquivos e acervos que documentem as contribuições desses profissionais, desde os bastidores das editoras até correspondências e manuscritos”, constata Bruno Gomide, professor de literatura e cultura russa da USP. Ele coordena um projeto de pesquisa,

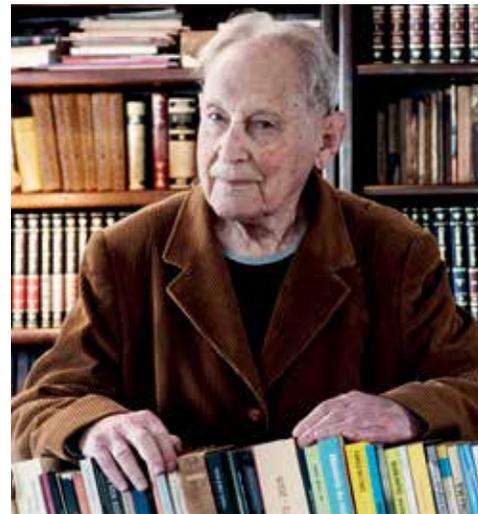
financiado pela FAPESP, voltado aos tradutores de textos russos no Brasil. Uma das linhas investiga a produção e a trajetória de vida de Boris Schnaiderman (1917-2016), nascido na Ucrânia, Tatiana Belinky (1919-2013) e Valeri Pereléchin (1913-1992), oriundos da Rússia, além do húngaro Paulo Rónai (1907-1992). “Todos eles se radicaram no Brasil. Belinky e Schnaiderman na infância, ambos nos anos 1920, enquanto Rónai e Pereléchin vieram mais tarde, respectivamente, nas décadas de 1940 e 1950”, conta o pesquisador, que em agosto passado organizou o seminário Histórias de Tradutores e Tradutoras, no Centro MariAntonia da USP, na capital paulista.

No evento, Gomide falou sobre Schnaiderman, famoso pelo rigor com que verteu contos, romances e poemas diretamente do russo para o português a partir dos anos 1940 (*ver* Pesquisa FAPESP nº 236). “Ele foi um dos primeiros a ter uma trajetória contínua, sistemática e profissional de tradução da literatura russa não apenas no Brasil, como na América Latina”, afirma o pesquisador. Além disso, destacou-se no campo institucional, ao contribuir para a formação do curso de língua russa na USP, em 1961. “Schnaiderman traduziu para o português não apenas os clássicos literários, como também teóricos russos com propostas inovadoras em diversas áreas, a exemplo do linguista Mikhail Bakhtin [1895-1975]”, acrescenta Walter Carlos Costa, da UFSC e também do Pro-

Tradutores e intérpretes intermedeiam diferentes culturas



Tatiana Belinky e Boris Schnaiderman traduziram obras de autores russos para o português





O tradutor húngaro Paulo Rónai chegou ao Brasil na década de 1940

grama de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (UFC). “E teve grande contato com os escritores brasileiros: trocou cartas com Dalton Trevisan [1925-2024] e foi amigo de Rubem Fonseca [1925-2020]”, prossegue o pesquisador, que atualmente investiga a participação de Schnaiderman no *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Rónai, por sua vez, foi perseguido pelos nazistas e passou seis meses em um campo de trabalhos forçados na Hungria durante a Segunda Guerra Mundial antes de se mudar para o Brasil, em 1941, a convite do governo Getúlio Vargas (1882-1954). “Ele começou a estudar português, sozinho, em 1937 e cerca de dois anos mais tarde publicou *Mensagem do Brasil*, antologia de poemas brasileiros traduzidos para o húngaro, com apresentação do embaixador brasileiro na Hungria”, conta a pesquisadora independente Zsuzsanna Spiry, que defendeu tese de doutorado em 2016 sobre o intelectual na FFLCH-USP. “Rónai chegou ao Brasil em março de 1941 e em julho daquele ano ministrou palestra na Academia Brasileira de Letras.”

De acordo com a pesquisadora, o tradutor participou ativamente da vida intelectual brasileira. “Entre outras coisas, escreveu artigos de crítica literária para os principais jornais do país e trabalhou como editor, inclusive dos livros de Guimarães Rosa [1908-1967], de quem foi muito próximo”, relata Spiry, organizadora do livro *Rosa & Rónai: O universo de Guimarães por Paulo Rónai, seu maior decifrador* (Bazar do Tempo, 2020) com a jornalista e editora Ana Cecília Impellizieri

Martins. Um dos trabalhos mais significativos de Rónai foi a organização de *Mar de histórias: Antologia do conto mundial* (Editora Nova Fronteira), com o filólogo Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989). Parte dos textos da coletânea de 10 volumes, iniciada em 1945 e concluída em 1990, ganhou tradução da dupla. “Rónai dominava não apenas o russo, como outros oito idiomas, a exemplo do latim, francês e alemão”, diz Spiry.

Outro aspecto de sua obra que merece destaque, segundo a pesquisadora, são os ensaios e reflexões sobre a prática tradutória reunidos em títulos como *Escola de tradutores* (Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1952) e *Tradução vivida* (Editora Nova Fronteira, 1974). Amarante, da UFSC, concorda. “Muitos de seus textos anteciparam debates sobre questões centrais na teoria da tradução nos dias de hoje, como estrangeirização e tradução mecânica [realizadas por programas de computador]”, comenta.

Já Belinky ficou conhecida como escritora de livros infantis e pela adaptação de *O sítio do pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato, para a série exibida pela TV Tupi entre 1952 e 1963. “No entanto, ela também verteu para o português diversos livros da literatura russa, que englobam obras para as crianças e de autores clássicos e contemporâneos para os adultos”, diz Cecília Rosas, que integra o grupo de pesquisa Exílio e Tradução, coordenado por Gomide, na USP. É o caso de *No degrau de ouro* (1987), de Tatiana Tolstáia, título publicado no Brasil em 1990 pela Companhia das Letras, que ganhou reedição no ano passado pela Editora 34.

Dentre os quatro, Pereléchin é o nome menos conhecido do público brasileiro. O tradutor, que era também poeta e crítico, viveu por quatro décadas no Brasil. “Ele era fluente em inglês, mandarim e português”, conta Gomide. Dono de uma história de vida conturbada, Pereléchin escreveu poesia homoerótica, porém proferiu também comentários antissemitas e elogios à ditadura militar (1964-1985). Morreu pobre e cego no Retiro dos Artistas, no Rio de Janeiro.

De acordo com Gomide, um dos objetivos da pesquisa é buscar pontos de convergência nos percursos dos quatro tradutores. Entre as décadas de 1960 e 1980, por exemplo, Rónai e Schnaiderman trocaram correspondência e compartilharam observações sobre o fazer tradutório. Além disso, o primeiro participou da banca de tese de livre-docência de Schnaiderman em 1974, na USP, publicada posteriormente em 1982 pela editora Perspectiva sob o título *Dostoiévski: Prosa e poesia*. “Ao longo da vida, eles concordaram e discordaram em diversos momentos”, finaliza Gomide. ●

O projeto, os artigos científicos e os livros consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.